

ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Segunda Classe», Vol. XIX

EPISÓDIOS

DA

«QUESTÃO DA SEBENTA»

PELO

Dr. José Maria Rodrigues

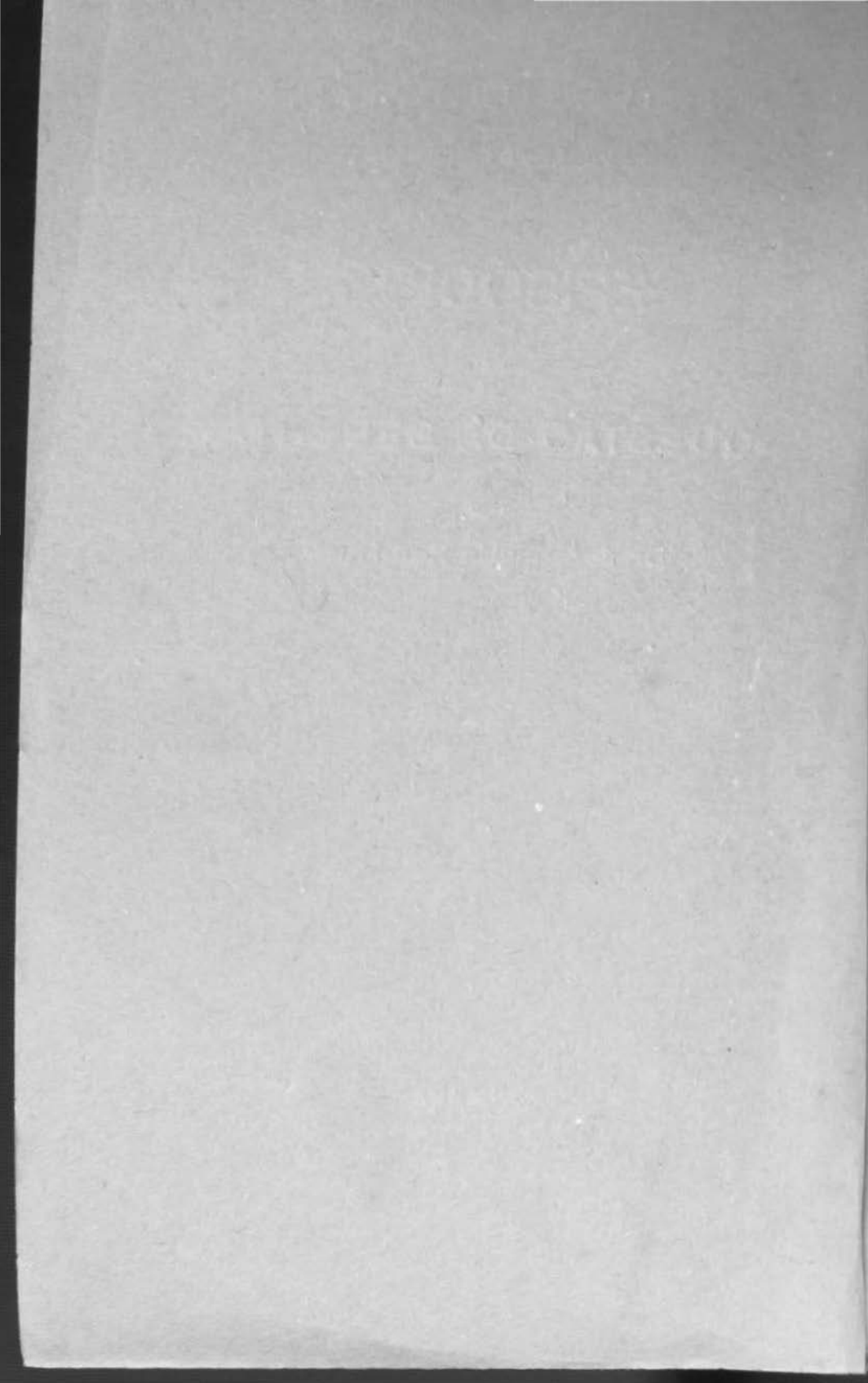


COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1934

Sala	5
Gab.	32
Est.	28
Tab.	84
N.º	84



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

Separata do «Boletim da Segunda Classe», Vol. XIII

EPISÓDIOS

DA

«QUESTÃO DA SEBENTA»

PELO

Dr. José Maria Rodrigues



COIMBRA
IMPRESA DA UNIVERSIDADE
1934

LIBRARIA DAS FLEURAS DE LISBOA

1874

EPISÓDIOS

QUESTÃO DA SEBENTA

1874

Dr. José Maria Rodrigues



LIBRARIA

DE FLEURAS DE LISBOA

1874

I

Entre as muitas publicações a que deu origem a celebração do primeiro centenário da morte do Marquês de Pombal (Maio de 1882), sobressai, por vários títulos, o *Perfil* do famoso estadista, traçado por Camilo.

Ora a apreciação desfavorável e não raro sangrenta que êle faz do enérgico, mas por vezes cruel ministro de D. José, causou, como era de supor, extraordinária e penosíssima impressão entre os numerosos admiradores que se preparavam para o festejar.

E não foi menor o alvoroço com que acolheram a obra os que não simpatizavam com a memória do Marquês ou lhe eram declaradamente hostis.

Não é, por isso, de admirar que a lenda se apoderasse logo das origens do *Perfil*. Camilo, começou a correr, foi pago pelos jesuítas ou pelos seus afeiçoados, que queriam ver enxovalhada por um nome famoso nas letras a memória de quem tanto os guerreou, e ser assim desagradáveis aos liberais.

E o boato, que aliás nenhum fundamento justificava, alastrou com tanta insistência, tomou tal vulto, que chegou a ascender a uma cátedra da Universidade de Coimbra.

Com efeito, o Prof. Avelino Calisto, que em 1883 regia interinamente, no 5.º ano da Faculdade de Direito, a cadeira de Direito Eclesiástico Português, apreciando o *Perfil*, referiu-se nestes termos ao seu autor: Desgraçada inteligência! Ela é posta em almolda e ao serviço

de qualquer causa, em troca de miseráveis e mesquinhos interesses. Inteligência mercenária, que convenientemente dirigida seria a glória de um país e (é) deste modo a desonra de uma literatura e do país a que pertence ».

É o que consta da lição litografada, da *sebenta*; mas também não faltou quem dissesse que o *sebenteiro* ainda atenuara por sua conta as expressões que o professor havia empregado. Deve ser outra lenda, pois, dado o lugar em que aquelas palavras foram proferidas, não era fácil ultrapassar-lhes a gravidade.

Seja como fôr, a *sebenta* foi enviada a Camilo por mão anónima, que a lenda também quis descobrir, sem poder, contudo, passar além de conjecturas sem base sólida.

Camilo, como não podia deixar de ser, desafiou-se nas *Notas à Sebenta*.

Ora, nestas, entre as considerações destinadas a provar que ninguém lhe pagaria para escrever o *Perfil*, pois este a ninguém podia agradar, — «nem aos absolutistas, nem aos republicanos, nem aos temperados», — entre essas considerações, digo, lia-se o seguinte: «Assentei (naquela obra) que a religião da dogmática infalibilidade do Papa que decretou a extinção da Companhia de Jesus não merecia que a gente se esfalfasse e indispusesse por conta dela nem tinha um sério direito a queixar-se do Marquês de Pombal, cujas pretensões não chegaram até à infalibilidade, porque o ministro, caluniando, matando e expulsando o jesuíta a ponta-pés, era menos repreensível que Clemente XIV, abolindo a Companhia depois de consultar o Espírito Santo, como se inferia da bula *Dominus ac Redemptor noster*. Por causa disto um illustre catedrático de Teologia escreveu na *Civilização Católica* que eu não percebia o que era *Infalibilidade do Papa*. Efectivamente não percebo: parece-me cousa mais

fácil endireitar a sombra de uma vara torta. Não sou dos crentes na Infallibilidade dos homens, por isso mesmo que a não intendem ».

A obrigação de sustentar o que tinha escrito na revista portuense e de que continuava a estar convencido, e a necessidade de não deixar subsistir o equívoco (propositado ou não) de Camilo, tendente a identificar-me, a mim, simples estudante do 2.º ano de Teologia, com o ilustre catedrático aposentado, Dr. Rodrigues de Azevedo, que vivia em Coimbra — eis o que me fez entrar na « questão da sebenta ».

II

Dos episódios que se deram durante a contenda referirei apenas dois — o da contestação a um dos meus opúsculos, feita pelas provas ainda não revistas, e a tentativa para me obrigar ao silêncio, recorrendo à minha vida particular.

a) No manuscrito das *Evasivas*, para mostrar que pelo facto de alguns escritores chamarem bula a um breve, nem por isso este diploma mudava de natureza, apresentava eu este argumento analógico: « Se alguns juriconsultos e historiadores, por exemplo, se lembrassem de chamar lei a um decreto, este deixaria de o ser e passaria a ser lei? ». Depois, na revisão das provas, eliminei estas palavras, não porque o argumento fôsse destituído de força, mas para evitar se me respondesse que, assim como havia decretos com força de lei, também se podiam admitir breves com força de bulas.

Qual não foi o meu espanto, quando na *Segunda carga* foi reproduzido aquele argumento, com uma refutação, que ultrapassava tudo quanto eu podia imaginar?

Eis o que diz Camilo: « Esta inépcia é contraproducente. Há decretos com força de lei... Decreto e lei são

sinónimos: qualquer dicionário lho ensina. O argumento parece que fui eu quem lho apresentou, para demonstrar que *bula* e *breve* são denominações do mesmo documento na legislação canónica».

• Escrevi logo ao editor, o Chardron do Pôrto, a exprobrar-lhe a incorrecção que tinha praticado, mandando ao Camilo as provas que eu nem sequer ainda tinha revisto, e dando-lhe assim ocasião para ir preparando a resposta, antes de ser publicado o meu folheto.

A esta carta, que não obteve resposta, se refere Camilo, escrevendo ao Chardron: «Meu prezado amigo. Conformo-me com a sua proposta quanto ao preço da *Carga terceira*. E acabemos com a sonolenta questão. Deve ter recebido a carta aterradora do Rodrigues, de quem principio a ter pena» (Cardoso Marta, *Cartas de Camilo*, 1, 79).

Na minha resposta à *Segunda carga*, publicada em Coimbra, estranhei o facto de se refutar um argumento que não vinha nas *Evasivas*, ao que Camilo replicou: «Escreveu umas asneiras agigantadas no seu penúltimo folheto (*era a diferença entre lei e decreto*). Eu casualmente as vi impressas no balcão do editor; tomei nota delas, porque eram monstruosas. Depois expungiu-as nas provas; mas eu conservo-as impressas, como curiosidade que se perderia atirada à canastra da tipografia. E êle com um descaro exemplar escreve: O sr. C. C. B. refuta o que não está escrito no meu folheto! O que significa isto, sr. C.? «Significa que o sr. Rodrigues, se tivesse mais juízo, calava-se. A uma tão arrogante pergunta e infamadora da minha dignidade de contendor, eu devo responder-lhe que tenho aqui impressas e subscriptas por V. as desmedidas asneiras que enjeitou vinte e quatro horas depois que as deu à luz. Escuso dizer-lhe que não tive coragem nem vagar de o ler, porque ainda agora depois da petulante interrogação, abri as páginas

do seu opúsculo. Se o tivesse lido, com certeza não praticaria a extraordinária irregularidade de refutar um disparate que V. retirara da circulação. Não tem porque argüir o cavalheirismo do sr. Chardron. Eu faculto ao meu prezado editor a liberdade de mostrar os meus manuscritos a quem os quiser analisar antes de entrarem no prelo».

Sobre este assunto foi-me mostrada não há muito, com o direito de usar dela, uma carta do sr. Moreira da Costa, livreiro portuense, da qual transcrevo os seguintes passos: «Eu, na ocasião, contando a idade de treze anos, era empregado do falecido editor Chardron... Chardron... era incapaz de trair a confiança que os escritores nêle depositavam. O que se deu em verdade foi o seguinte: êsses folhetos e outras obras eram impressas na tipografia Alexandre da Fonseca Vasconcelos, da rua do Moínho de Vento, desta cidade. Eu, rapaz, era quasi sempre o encarregado de ir à tipografia levar originaes e trazer provas; succede que em uma ocasião que trazia as provas do folheto do Dr. J. M. Rodrigues, encontrava-se Camilo no estabelecimento de Chardron. Eu entreguei as provas ao Chardron, mas Camilo, arguto e fino, quis saber de que se tratava e depois de porfiosos esforços conseguiu ver de que se tratava. Sentou-se rapidamente a uma escrevaninha, pegou num caderno de papel almaço, e dali por uma hora, se tanto, era eu novamente encarregado de ir à tipografia levar o original da resposta de Camilo. Esta é que é a expressão da verdade dos factos, que me apresso a transmitir-lhe para reabilitação da memória do grande editor que foi Ernesto Chardron».

Em presença desta carta, o que presumo se passou foi o seguinte: Camilo, facultadas que lhe foram as provas — e foram-no manifestamente pelo dono do estabelecimento, que pouco depois desabafou o seu mau humor nas orelhas do caixeiro, por trazer as provas à vista —, Ca-

milo, que provavelmente obteve as provas com o protesto de que só as queria ler, tomou nota daquilo a que havia de responder e escreveu logo algum original, que suponho ter sido o das páginas 11 e 12 e parte da 13 da *Segunda carga*. O que necessitava consulta de livros seria enviado depois.

Mas o que também é certo é que elle escreveu (e o Chardron editou) que tinha em seu poder as provas das *Evasivas* e que só abrira as folhas destas, quando leu as perguntas que lhe fiz no meu terceiro folheto, isto é, que redigiu a *Segunda carga* pelas provas, que eu ainda não tinha revisto. E quem percorrer esse folheto, immediatamente se convencerá de que elle não podia ter sido todo escrito nas circunstâncias indicadas na carta do sr. Moreira da Costa.

b) Depois de publicado o meu terceiro opúsculo, chegou-me aos ouvidos que a resposta de Camilo saíria com o sub-título: *Leitura para homens*. Não sei mesmo se isto foi noticiado em algum jornal. O que é certo é que mo disseram.

Encolhi os ombros e não liguei importância ao boato, que supus ser invenção de qualquer amigo de Camilo ou ter sido lançado ao acaso, a ver se eu me atemorizava e punha ponto na polémica.

Saíu a *carga terceira* sem o sub-título e nunca mais me lembrei do incidente.

Ora há uns dois para três anos o Dr. Agostinho Fortes, meu prezado colega da Faculdade de Letras, contou-me que o Camilo escrevera a uma pessoa que então vivia em Braga, a pedir-lhe averiguasse da minha vida particular naquela cidade. E acrescentou que soube isto directamente da pessoa a quem Camilo se dirigira.

Relacionei logo este desejo de saber da minha vida com factos anormais que, pouco depois da minha ida para Coimbra (1878), se deram em Braga, num colégio

em que eu tinha sido professor, factos em que se achava envolvido um nome um pouco parecido com o meu.

E compreendi também então o sentido destas palavras da *Segunda carga*, pág. 33: «Éle é tipo muito de molde para explorações realísticas».

Talvez o collocasse na falsa pista a mesma pessoa que com a mesma verdade lhe disse que eu era de Monção.

De Coimbra também lhe deram logo noticia da carta que eu tinha escrito ou ia escrever ao Chardrom. É o que se infere da carta acima transcrita. E dela se colige também que o editor foi logo prevenido.

III

O famoso polemista queria ser o último a falar, pois sabia muito bem que, para a grande maioria do nosso público, era esse o critério definitivo da vitória.

Mas como lhe devia também ter constado que eu não estava resolvido a abandonar o campo ¹ e que procuraria tirar todo o partido do que se passara com as provas, Camilo abriu a *Carga terceira* por estas palavras: «Quando o sr. José Maria Rodrigues, mordido na sua consciéncia de escritor católico, entender que os seus e meus leitores, mais ou menos pios, estão suficientemente cloroformizados com os nossos folhetos, ajude-me a praticar a obra cristã e honesta de os livrarmos das nossas amendoadas. Bem vê. V. e o sr. Dr. Calisto e eu já não fazemos com 6 tostões e 30 réis, salvo êrro, o desfalque em que temos capitado — ia dizer *decapitado* — os nossos compatriotas».

E senti-me efectivamente mordido na minha consciéncia de escritor católico com uma página da *Carga terceira*, cheia de blasfémias e de sarcasmos contra a religião.

¹ «Tal é o teólogo que eu tenho de aturar por longo tempo» — assim terminava a *Segunda carga*.

Bem sabia Camilo que isto me constituía na obrigação de me remeter ao silêncio, para lhe não dar ensejo a que prosseguisse, como de-certo prosseguiria, no caminho encetado.

E assim acabou a «questão da sebenta».

